



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS DE ITAPECURU MIRIM
CURSO DE LETRAS

BRUNA TAINÁ LUIZA DOS SANTOS MATOS LINHARES

GRACILIANO RAMOS E O PERFIL FEMININO DESENHADO EM SINHÁ VITÓRIA:
forças e fraquezas da personagem na obra “Vidas Secas”

Itapecuru Mirim
2020

BRUNA TAINÁ LUIZA DOS SANTOS MATOS LINHARES

**GRACILIANO RAMOS E O PERFIL FEMININO DESENHADO EM SINHÁ VITÓRIA:
forças e fraquezas da personagem na obra “Vidas Secas”**

Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua portuguesa e Literatura, da Universidade do Estado do Maranhão - UEMA, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Samira Diorama da Fonseca

Itapecuru Mirim
2020

Linhares, Bruna TaináLuiza dos Santos Matos.

Graciliano Ramos e o perfil feminino desenhado em Sinhá Vitória: forças e fraquezas da personagem na obra "Vidas secas" / Bruna Tainá Luiza dos Santos Matos Linhares. – Itapecuru-Mirim, MA, 2020.

44 f

Monografia (Graduação) – Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Itapecuru-Mirim, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Profa. Esp. Samira Diorama da Fonseca

BRUNA TAINÁ LUIZA DOS SANTOS MATOS LINHARES

**GRACILIANO RAMOS E O PERFIL FEMININO DESENHADO EM SINHÁ VITÓRIA:
forças e fraquezas da personagem na obra “Vidas Secas”**

Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua portuguesa e Literatura, da
Universidade do Estado do Maranhão - UEMA, Centro de
Estudos Superiores de Itapecuru Mirim, como requisito
para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Samira Diorama da Fonseca

Aprovado em: ____/____/2020

Nota _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Esp. Samira Diorama da Fonseca (Orientadora)

2º Examinador

3º Examinador

Dedico esta monografia a minha mãe, que através do seu exemplo de força e garra, mesmo com todas as dificuldades, conseguiu concluir o ensino superior, mostrando-me que através da educação somos capazes de conquistar nossos objetivos, com dignidade e esforço; a meus filhos que são meus combustíveis para seguir em frente; meu pai e meu esposo que sempre estiveram dispostos a me ajudar na minha caminhada acadêmica e minha sogra que foi a grande incentivadora a fazer o vestibular, visando sempre o melhor para mim e minha família, gratidão a todos que contribuíram para o meu crescimento e aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me concedido sabedoria e discernimento para a realização deste trabalho. Agradeço também aos meus pais, filhos, esposo, todos os colegas e amigos que sempre estiveram do meu lado me apoiando, me dando força para sempre seguir em frente com os meus estudos.

Agradeço também aos professores e professoras que passaram pela minha vida estudantil desde o início, os quais, cada um com suas especificidades, foram importantes para minha formação, em especial aos professores: minha orientadora, Samira Diorama da Fonseca, Katiana Oliveira, Maurílio Barros, Thaise Marinho e todos os outros, que embora estivessem exercendo seus papéis de professores não deixaram de se sensibilizarem com os alunos e suas necessidades, dessa forma conquistaram lugar especial em meu coração.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, foi se esboçando [...] As palavras de Sinhá Vitória encantavam-no [...] e o sertão continuaria a mandar gente para lá. O sertão mandaria para a cidade homens fortes, brutos, como Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos.

Graciliano Ramos

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso pretende estudar o perfil feminino na obra “Vidas Secas” do autor brasileiro modernista Graciliano Ramos, por meio da personagem Sinhá Vitória, buscando identificar como o desenho de tal perfil pode ser analisado (à luz da literatura modernista brasileira) e, se é possível determinar que Sinhá Vitória exerce força sobre o enredo e sobre os demais personagens da obra (catalisada por seus sonhos) ou se esta é apenas mais uma personagem secundária. Para tanto, esta pesquisa encontra-se inserido na grande e rica área da Literatura brasileira, dando ênfase à Literatura modernista e de maneira mais específica, à Prosa de Trinta, recorte onde se encontra a referida obra. Assim, com o objetivo de embasar as teorias que serão expostas nesta análise, serão utilizados livros, artigos e estudos de autores como: Candido (1992), Castro (2001), Reis (1993), Holanda (1992), Graciliano (1938) dentre outros que versam sobre a obra citada e, de maneira especial, sobre a personagem Sinhá Vitória e o seu papel dentro da trama. O presente trabalho está estruturado em capítulos que iniciam a pesquisa do macro (falando sobre a Literatura modernista brasileira e Graciliano Ramos) ao micro (adentrando à obra e ao perfil da personagem feminina humana dentro do enredo), para que o leitor compreenda a contextualização da temática e a importância desta para o mundo acadêmico-científico.

Palavras-chave: Graciliano. Vidas Secas. Sinhá Vitória. Perfil. Feminino.

ABSTRACT

This course conclusion work intends to study the human female profile in the work "Vidas Secas" by the Brazilian modernist author Graciliano Ramos, through the character Sinhá Vitória, seeking to identify how the design of such a profile can be analyzed (in the light of Brazilian modernist literature) and, if it is possible to determine that Sinhá Vitória exerts force on the plot and on the other characters of the work (catalyzed by his dreams) or if this is just another secondary character. For this purpose, this research is inserted in the great and rich area of Brazilian Literature, giving emphasis to Modernist Literature and in a more specific way, to Prose de Trinta, clipping where the referred work is. Thus, in order to support the theories that will be exposed in this analysis, books, articles and studies by authors such as: Candido (1992), Castro (2001), Reis (1993), Holanda (1992), Graciliano (1938) will be used among others that deal with the aforementioned work and, in a special way, about the character Sinhá Vitória and his role within the plot. The present work is structured in chapters that start the research of the macro (talking about Brazilian modernist Literature and Graciliano Ramos) to the micro (entering the work and the profile of the human female character within the plot), so that the reader understands the contextualization of the thematic and its importance for the academic-scientific world.

Keywords: Graciliano. Dried lives. Sinhá Vitória. Profile. Feminine.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL	13
2.1 Movimentos feministas no Brasil	16
3 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA MODERNISTA BRASILEIRA	21
3.1 A prosa de Trinta	21
4 GRACILIANO RAMOS: Perfil biográfico e a verossimilhança	23
4.1 A obra Vidas Secas	24
4.2 O protagonismo feminino: Sinhá Vitória Vs. Baleia	29
5 METODOLOGIA	32
5.1 O <i>corpus</i>	32
5.2 O método	32
6 O SONHO E O MEDO: forças e fraquezas de Sinhá Vitória	33
6.1 Resultados e discussões	38
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia abordará aspectos do perfil feminino da personagem Sinhá Vitória na obra “Vidas Secas”, do grandioso escritor Graciliano Ramos, pautando-se nos diferentes momentos da obra onde o autor cita ou dá voz à referida personagem, procurando identificar como a sua construção e participação no enredo pode influenciar os demais personagens e o próprio desenrolar da trama.

O interesse pelo tema surgiu, quando se notou que a maior parte das análises dessa obra detinha seu enfoque sobre a personagem Baleia (a cadelinha humanizada) e não (quase nenhum deles) sobre outros personagens, como Sinhá Vitória, por exemplo. Com isso, sentiu-se a necessidade de ampliar os estudos sobre esta personagem, buscando identificar traços da sua influência sobre o destino da família retirante.

Dessa maneira, encontrado o “cordão umbilical” desta pesquisa, iniciou-se uma série de (re) leituras, inclusive da própria obra, procurando os vestígios dessa possível influência, assim como, identificando novas possibilidades de leitura e (re) significação para toda a trama e, de maneira especial, para o “quarto”¹ capítulo que é dedicado à personagem feminina humana.

Para tanto, esta monografia perpassou por uma série de reescritas e reestruturações, buscando as condições metodológicas, bibliográficas e de desenvolvimento mais viáveis a respeito das hipóteses levantadas, com a finalidade de contribuir de maneira científica para o engrandecimento acerca dos conhecimentos acadêmicos, mediante a análise do perfil feminino de Sinhá Vitória, desenhado por Graciliano Ramos na obra “Vidas Secas”. Por isso mesmo, esta atividade acadêmica monográfica poderá trazer novos entendimentos e novos olhares sobre todo o contexto dessa prosa, assim como sobre a sua escrita, história e sobre o próprio autor.

De outra forma, faz-se importante mencionar que os recursos bibliográficos selecionados para o desenvolvimento desta pesquisa serão fundamentais para o

¹ Menciona-se “quarto” pela ordem apresentada na edição 99ª da editora Civilização Brasileira, utilizada como referência bibliográfica nesta monografia. Mas, é importante ressaltar que os capítulos de “Vidas Secas” não são enumerados, permitindo leituras diversas, sendo necessário manter a ordem apenas do “primeiro” e do “último” capítulo.

alcance das considerações acerca da referida personagem, uma vez a maioria das demais análises desta obra se pautam sobre Baleia, como já mencionado.

De tal modo, ao longo desta monografia será elencado um conjunto de informações e de visões de determinados estudiosos da obra, como Candido (1992), Castro (2001), Reis (1993), Holanda (1992), dentre outros, objetivando a construção do *corpus*, para que contribua com as análises que tratam sobre esta tão importante e central obra literária e, de maneira especial, juntando outros estudos que contribuirão com o tema desta monografia (a personagem feminina humana de “Vidas Secas”), ampliando, por sua vez, as fontes de pesquisa sobre esta personagem, podendo oferecer à comunidade acadêmica uma nova perspectiva sobre as características que fazem de Sinhá Vitória uma personagem-chave para a tomada de atitude dos demais personagens e, conseqüentemente, para o desenrolar da trama.

Ademais, esta monografia se estrutura da seguinte maneira: primeiramente, será apresentado o contexto histórico da Literatura modernista brasileira (recorte onde se enraíza a criação de “Vidas Secas”), com espaço para discussões sobre a Geração regionalista de 30 e a própria prosa de 30; em seguida, a trajetória da mulher no Brasil e o feminismo, serão abordados aspectos bibliográficos do autor Graciliano Ramos e do protagonismo feminino descrito de modos diferentes em Sinhá Vitória e Baleia; nesta mesma linha, serão realizadas algumas considerações sobre o enredo e suas personagens; em sequência, será exposta a metodologia utilizada nesta monografia, abordando itens sobre o *corpus*, o método e a própria análise e; enfim, será abordado o capítulo principal deste trabalho monográfico, trazendo todas as contribuições dos autores citados, dentre outros, sobre a personagem Sinhá Vitória, tornando possível identificar se esta influência ou não no desenrolar da trama e nos demais personagens; a monografia segue então para a conclusão e as referências.

Assim sendo, será possível perceber como os caminhos percorridos durante as pesquisas que foram desenvolvidas para a tessitura desta monografia, reforçam o apontamento de que a literatura pode ser decisiva para uma formação mais concreta e universalista, depreendendo-se que a visão de mundo dos seus leitores será ainda mais expandida diante de construções únicas, como está de Graciliano, uma vez que, poderá desencadear novas análises, por sua vez igualmente capazes de otimizar a compreensão das condições humanas em regiões de ambiente hostil, como o caso do sertão nordestino, onde as pessoas precisam sobreviver aos extremos naturais e

à marginalização social que, por sua vez, agrava ainda mais as situações de miséria e imutabilidade.

De modo especial, será sob a ótica da ampliação de leitura e da capacidade analítico-construtiva (que os acadêmicos são ensinados a desenvolver durante a sua graduação), esta monografia objetivará redescobrir esta rica e instigante obra literária, sob o prisma da mulher nordestina, da personagem emudecida pelos aspectos sociais, culturais e físicos (ambiente).

2 TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA MULHER NO BRASIL

Atualmente observa-se um novo contexto para a situação da mulher sob a ótica da sociedade, assim como os homens necessitam conquistar um espaço quanto a função de seus papéis, no entanto as mulheres desde as sociedades mais antigas, necessitaram redobrar sua luta quanto a esta condição.

Sua posição marginalizada por uma sociedade patriarcal e injusta, evidenciou um preconceito que necessitava ser combatido, torna-se visível esta posição quando as pesquisas bibliográficas mostram os gráficos em números alcançados por mulheres em cargos de confiança, em igualdade de direitos e condições salariais e humanitárias. “A natureza fez a mulher diferente do homem, atribuindo-lhe características inerentes. A sedução, por exemplo, é fonte de poder para a natureza feminina e a falta de autodeterminação da mulher é também intrínseca à sua natureza”. (GASPARI, 2003, p. 32).

São alguns destes atributos que colocaram a mulher ao longo dos últimos anos em posição de desigualdade na sociedade, ou se encarava a mulher como sendo de “sexo frágil”, ou sob total situação de patriarcalismo.

No Brasil, apesar de se viver em pleno século XXI, estes casos são mais comuns do que se imagina, embora diversos estudos e pesquisas apontem para a importância da mulher na sociedade, o número de violência, desrespeito e submissão são crescentes, um preconceito considerado até mesmo cultural. Logo, quando as regiões do Brasil foram divididas em capitanias hereditárias desenvolveram muito o domínio de famílias que controlavam os meios de produção, e tendo grande influência econômica. (FERNANDES, 2015).

Pode-se destacar um sistema que não definia a mulher não somente como um ser submisso, mas como alguém totalmente avesso a participação em eventos sociais significativos para a cultura e economia do país.

Segundo Del Priore (2000):

O sistema patriarcal instalado no Brasil colonial sistema que encontrou grande reforço na Igreja Católica que via as mulheres como indivíduos submissos e inferiores [...]. Mas insisto: isso era apenas mera aparência, pois, tanto na sua vida familiar, quanto no mundo do trabalho, as mulheres souberam estabelecer formas de sociabilidade e de solidariedade que funcionavam, em diversas situações, como uma rede de conexões capazes de reforçar seu poder individual ou de grupo, pessoal ou comunitário. (DEL PRIORE, 2000, p. 9).

Infelizmente este fato ocorria em diversos âmbitos, uma situação que necessitou de muitos movimentos e lutas das mulheres por igualdade. De acordo com Cunha (2014), no Brasil ocorreu em 1988 um fato importante que fez com que houvesse uma valorização nos direitos humanos da mulher, foi a Constituição Federal, no qual por meio de um documento jurídico, dava a mulher o direito de igualdade entre os homens perante a lei.

Este foi um importante marco na conquista por respeito, igualdade e valorização da mulher no Brasil, mas apesar desta e outras conquistas, ainda se agrega valores deturcados e preconceituosos quanto aos destaques dados as mulheres.

De acordo com Caulfield (2000):

Durante as três primeiras décadas do século XX [...] incontáveis casos de violência doméstica viraram notícia de primeira página nos jornais populares do Rio de Janeiro [...] uma evidência da sobrevivência de tradições patriarcais segundo as quais a honra masculina era determinada pela fidelidade sexual da mulher e de que a justiça criminal ainda permitia ao homem defender sua honra com violência. (CAULFIELD, 2000, p. 85)

Esta situação apesar de arcaica, ainda é considerada atual em termos de consequência e efeitos negativos sobre a vida da mulher brasileira, nas últimas décadas muitos movimentos marcaram a sociedade brasileira e mundial, como uma forma de apelo pela preservação da vida da mulher, contra qualquer tipo de violência.

Direito a existir com dignidade, direito de propriedade, direito à educação e ao trabalho, direito de votar e ser eleita, direito a participar de espaços de poder e decisão, direito a seu próprio corpo, direito a viver livre de violências, direito de viver em igualdade de condições com os homens (BANDEIRA e MELO, p. 9).

A mulher pode até ser maioria dos eleitorados no Brasil, no entanto ainda em 2020 é minoria em cargos eletivos, uma vitória que começou a ser alcançada somente no ano de 1929, Luzia Alzira Teixeira Soriano foi eleita como prefeita do município de Lages no Rio Grande do Norte uma política brasileira, a primeira mulher a ser eleita prefeita de um município na América Latina.

Mas foi somente no ano de 1932 com o decreto de número 21.078, autorizou que as mulheres do restante do país pudessem participar de eleição, com algumas imposições, entre elas, para se candidatar a mulher precisaria está em um cargo bem remunerado, foi somente no ano de 1965 que esta situação mudou, com um novo decreto autorizava que toda mulher tinha esse direito.

No ano de 1997 ficou facultado que os partidos reservassem pelo menos 30% de suas vagas para candidaturas de mulher, um marco na história política brasileira, no entanto foi somente no ano de 2009 que a justiça determinou que fosse obrigatoriedade com a reforma eleitoral, este fato não é mas somente facultado, mas obrigatório que todo partido reserve 30% de suas vagas para as mulheres.

Segundo Freyre (2004):

O padrão duplo de moralidade, característico do sistema patriarcal, dá também ao homem todas as oportunidades de iniciativas, de ação social, de contatos diversos, limitando as oportunidades da mulher ao serviço e às artes domésticas, ao contato com os filhos, a parentela, as amas, as velhas, os escravos. E uma vez por outra, em um tipo de sociedade católica como a brasileira, ao contato com o confessor. (FREYRE, 2004, p.208).

Embora existam na atualidade os resultados visíveis destas lutas ao longo das últimas décadas este número ainda é muito desigual, mas já pode ser considerado uma conquista, a concepção estigmatizada criada sobre a figura da mulher, precisa ser desmitificada, a noção de que a mulher serve apenas para procriar e se limitar a cumprir funções sexuais, não é algo inerente somente a culturas patriarcais de países de outros continentes, esta dura realidade que já perdura há tantos séculos.

A responsabilidade sobre tais situações ocorrerem por uma questão de “moral social”, atribui um falso status aos homens, o que acaba sendo denominado como machismo.

Segundo Freyre (2013):

À exploração da mulher pelo homem, característica de outros tipos de sociedade ou de organização social, mas notadamente do tipo patriarcal-agrário – tal como o que dominou longo tempo no Brasil – convém a extrema especialização ou diferenciação dos sexos. Por essa diferenciação exagerada, se justifica o chamado padrão duplo de moralidade, dando ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitando o da mulher a ir para a cama com o marido, toda a santa noite que ele estiver disposto a procriar. Gozo acompanhado da obrigação, para a mulher, de conceber, parir, ter filho, criar menino. (FREYRE, 2013, p.129)

Durante muitas décadas a mulher não tinha sequer o direito de escolher o próprio marido, esta função era atribuída ao pai, o ápice da vida feminina era considerado quando ocorria o casamento e maternidade. Não tinham o direito de ir e vim sem autorização do pai ou do marido, conduta esta muitas vezes atribuída a religiosidade.

Mesmo com todas estas contradições, a mulher soube se organizar de forma coerente e condizente com todas as situações que lhe foram impostas, como diz na citação em parágrafos anteriores, foram estabelecidas uma rede de conexão e solidariedade entre as mesmas, em prol de mudanças em suas vidas e aos poucos foram conquistando seu espaço na sociedade.

Segundo Costa (2005):

Em fins do século XIX, as mulheres brasileiras incorporadas à produção social representavam uma parte significativa da força de trabalho empregada, ocupavam de forma cada vez mais crescente o trabalho na indústria, chegando a constituir a maioria da mão-de-obra empregada na indústria têxtil. Influenciadas pelas ideias anarquistas e socialistas trazidas pelos trabalhadores imigrantes espanhóis e italianos, já se podiam encontrar algumas mulheres incorporadas às lutas sindicais na defesa de melhores salários e condições de higiene e saúde no trabalho, além do combate às discriminações e abusos a que estavam submetidas por sua condição de gênero (COSTA, 2005, p. 11-12).

Dentre muitas mudanças ocorridas em diversos campos sociais atribuídos a mulher, alguns merecem destaque como por exemplo a visibilidade ocorrida no campo literário em meados do ano de 1960, muitos autores literários ganharam destaque ao colocar a mulher na posição de heroína, como José de Alencar citando Iracema, Cecília Meireles, sendo considerada a maior poetisa que este país já teve e outras que foram protagonistas não somente como personagens, mas como autoras e representantes femininas.

Segundo Hollanda (2004):

Foi a única escritora mulher aceita como representante do movimento modernista. Foi uma das primeiras mulheres a se propor, com sucesso, uma vida independente e livre. Foi uma mulher que escolheu e determinou seu destino afetivo, existencial, literário, profissional, político. Foi uma mulher que viveu de e para o ofício de escrever (HOLLANDA, 2004, p. 297).

A autora faz menção a autora Rachel de Queiroz a primeira mulher a ingressar a academia brasileira de letras (ABL), uma forte representação feminina na sociedade.

2.1 Movimentos feministas no Brasil

Diante de um panorama cheio de incertezas e descasos com a mulher, apesar das inúmeras conquistas alcançadas, outros fatores tem chamado a atenção, pois evidentemente estão aumentando em condições negativas para as mulheres, o

feminismo surgiu como um divisor de águas e uma forte representação, política, social e humanitária.

Segundo Cunha (2001):

As mulheres se organizaram em grupos para enfrentar os preconceitos e obstáculos e se fortalecerem na conquista de seus direitos. O movimento feminista e o movimento de mulheres se inserem na história com grandes reivindicações, levantando bandeiras de luta, fazendo enfrentamento, trazendo discussões sobre os direitos das mulheres para a agenda política do país. Algumas destas reivindicações se transformaram em conquistas e se efetivaram em mudanças de costumes (CUNHA, 2001, p. 45-46).

Os fortalecimentos destes movimentos ganharam forças com o apoio de outros movimentos ligados a outras causas de forma geral, a exemplo pode se citar as secretárias, delegacias e sindicatos sobre o aumento da violência contra a mulher.

Importante destacar que este movimento prega principalmente as ideias de um período iluminista da história mundial, onde coloca a mulher em posição de merecimento de respeito e igualdade social. Segundo Costa (2013) o feminismo, enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das ideias iluministas e das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos.

Segundo Rabay e Carvalho (2011):

Diversos estudos sobre a história do movimento feminista nomeiam como “onda” alguns momentos históricos em que houve uma sequência de movimentos e organizações feministas com a mesma pauta de reivindicações. No Brasil, assim como no mundo ocidental, a “primeira onda” se refere ao Movimento Sufragista; a “segunda onda”, que começa na década de 1970 entre nós e na década de 1960 nos Estados Unidos, se caracteriza pela crítica radical, teórica e prática, ao modelo de mulher e de família vigente. A “terceira onda”, identificada nos anos 1990, evidencia “novas” mulheres: as negras, as lésbicas, as mulheres do terceiro mundo, as transgêneros, entre outras. (RABAY e CARVALHO, 2011, p. 86)

Estes são alguns momentos históricos para o contexto feminino, o movimento sufragista teve uma importante vitória feminista com a reforma eleitoral no Brasil em 2009, mas antes mesmo desta pequena vitória, alguns fatos políticos tiveram uma importante conotação para futuras conquistas.

Segundo Costa (2005):

A repressão provocada pela ditadura militar agiu como um divisor de águas dentro dos movimentos sociais e com isso, pode-se dizer que se encerra o ciclo da primeira onda do feminismo – anterior à década de 1960, sendo possível concluir: Esse primeiro momento do movimento feminista, em linhas gerais, pode ser caracterizado como de cunho conservador no que se refere ao questionamento da divisão sexual dos papéis de gênero, inclusive reforçavam esses papéis, estereótipos e tradições na medida em que utilizavam as ideias e representações das virtudes domésticas e maternas como justificativa para suas demandas. (COSTA, 2005, p. 13)

São situações que estudos, pesquisas e debates precisam reviver em linhas gerais e específicas com o intuito de demonstrar que muitos fatores colocaram e ainda coloca a mulher em situação desprivilegiada, uma realidade que parece ser longínqua, mas o conservadorismo ainda está presente, embora o dia 08 de março seja considerado o dia de comemoração das mulheres, este também é para lembrar a morte de 130 mulheres que ocorreram em uma fábrica têxtil na cidade de Nova York, no dia de 25 de março de 1911.

De acordo com Melo (2013) o dia 8 de março é um marco na luta pelos direitos das mulheres ao redor do mundo. Se fosse possível retroceder no tempo e contar para um cidadão do começo do século XX que as mulheres, hoje, votam, têm média de escolaridade maior que a dos homens.

O movimento feminista passa por muitos conflitos, até mesmo por algumas pessoas que julgam tal movimento como fora dos padrões morais, no entanto é sempre bom ressaltar que sua origem, que ocorreu primeiramente em outros países, trazia com si o ideal de igualdade, respeito e acesso das mulheres nos mais diversos campos.

Segundo Costa (2005):

Até chegar aí foi um longo e, muitas vezes, tortuoso caminho de mudanças, dilemas, enfrentamentos, ajustes, derrotas e também vitórias. O feminismo enfrentou o autoritarismo da ditadura militar construindo novos espaços públicos democráticos, ao mesmo tempo em que se rebelava contra o autoritarismo patriarcal presente na família, na escola, nos espaços de trabalho, e também no Estado. (COSTA, 2005, p. 26-27)

Alguns movimentos deram ainda mais notoriedade a causa feminista nos últimos anos, dentre eles destaque para primavera Feminista, em 2015, e o #MeToo, em 2018, ambos focavam em causas de como, igualdade salarial, fim de uma cultura machista e, principalmente, pediam o fim do assédio e da violência doméstica.

Segundo Santos (2017):

Na década de 60, lança-se a pílula anticoncepcional, em um momento em que o movimento feminista vai se caracterizando como uma luta não só por espaço político e social, mas por uma nova forma de olhar e entender o relacionamento entre homem e mulher, permitindo que ela também obtivesse suas exigências. Já no período entre 1983 a 1987 começam a serem criadas políticas públicas que cuidam e protegem as mulheres tais como: PAISM (Programa de Atenção à Saúde da Mulher), DEAM (Delegacia de Atendimento Especializado à mulher), UNIFEM (Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para Mulher) e o CEDIM (Conselho Estadual dos Direitos da Mulher). (SANTOS, 2017, p.25)

Esse não é o ponto final do movimento, a cada vitória surgem novas demandas e novos enfrentamentos. O feminismo está longe de ser um consenso na sociedade brasileira, a implantação de políticas especiais para mulheres enfrenta ainda hoje resistências culturais e políticas (COSTA, 2005).

Aqui no Brasil os números são assustadores, quanto ao quesito violência, segundo o Fórum de Segurança Pública, no ano de 2018, 536 mulheres foram agredidas por hora.

Plácido e Silva (1998, p. 592) afirma que “crime passionnal é o que se faz, por uma exaltação ou irreflexão, conseqüente de um desmedido amor à mulher ou de contrariedade a desejos insopitados”. Infelizmente o homem ainda possui em mente que a sua companheira é na verdade um objeto que lhe pertence, e mesmo a mulher sofrendo violência é obrigada a conviver com o mesmo, sob pena de morte, caso venha a deixá-lo.

Os casos de violência no Brasil teve mais uma página com a Lei Maria da Penha, no ano de 2006. O caso que até ganhou repercussão internacional foi um triste acontecimento que quase culminou com a vida de Maria, o seu esposo, na época, de forma covarde agrediu e atirou na mesma, deixando-a paraplégica.

Infelizmente os tipos de violência contra a mulher vai muito além da física, existem a patrimonial, violência sexual, violência moral e violência psicológica.

Segundo Brasil (2016):

No contexto internacional, o Brasil é signatário de dois documentos importantes: o documento final da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher (adotada em Belém do Pará, em 1994) e a Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial sobre a Mulher (adotada em Pequim, em 1995). No contexto nacional, desde 2011, vigoraram o Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra a Mulher. (BRASIL, 2016, p.231).

São inúmeras situações que levaram o país a ter este tipo de destaque, embora com diversos avanços, muitos destes graças ao movimento feminista e muitas manifestações que vem ocorrendo nas últimas décadas, o descaso e a demora com casos de violência contra a mulher, despertou revolta, talvez por este motivo muitos ainda consideram o feminismo, como um movimentos de baderna e sem organização política.

A revolução da mulher no século XX, pode até ser considerada uma das mais importantes revoluções deste, visto que a inserção de direitos e até mesmo a participação de inclusão delas na constituição federal de 88, mostra claramente como foi significativo para as mulheres esta aquisição e colaboração.

Segundo Oliveira (2010, p. 40):

No ordenamento jurídico brasileiro que surgiu em 7 de agosto de 2006, com o nome dado em homenagem a uma vítima de violência doméstica, foi a Lei Maria da Penha sancionada pelo Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Lei nº 11.340, na qual criou mecanismos para inibir e prevenir a violência doméstica contra a mulher, e como prevê a art. 226, § 8ª da Constituição Federal, a criação de juzizados e Delegacias de defesa da mulher para que seja, garantidos a proteção, e a assistência a aquelas que sofressem agressões. (OLIVEIRA, 2010, p.40).

A sociedade moderna já compreende que as mulheres têm condições físicas e psicológicas de estarem inseridas nos mais diversos setores, a condição de inferioridade as quais elas eram submetidas ficaram no passado, atualmente ainda existe preconceito, assédio moral e físico, mas cada vez mais a sociedade já consegue inseri-las na sociedade com mais empatia.

Portanto, muitas mulheres mesmo que ao longo dos anos, tenham travado lutas em busca de um espaço, deixaram suas marcas e ainda deixam, a literatura mostra bem esse protagonismo com a exposição de personagens e autoras que abrilhantaram e enriqueceram nossos enredos literários e artísticos.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DA LITERATURA MODERNISTA BRASILEIRA

O marco do movimento modernista no Brasil (de onde surge a literatura modernista) se deu em 1922 com o acontecimento da Semana de Arte Moderna, num momento de quebra ou ruptura com os valores estéticos vigentes e sob a influência das vanguardas europeias, num momento que pode representar uma das maiores efervescências culturais do século XX no país. Porém, o movimento já vinha sendo gestado por forças contrárias aos acontecimentos políticos e sociais do país, que se organizavam, sendo possível tomarem essa consistência na referida data, movidos pelo desejo de consolidar uma arte genuinamente nacional, num posicionamento ufanista.

Pode-se dizer, portanto, que os movimentos artísticos e a própria literatura modernista surgem como o resultado das diversas mudanças na política, no âmbito econômico e também no aspecto social do Brasil neste período. É um momento de grandes mudanças, de fato, uma vez que o país se apartava da Antiga República (representada, especialmente pela política café com leite) e recebia milhares de estrangeiros (especialmente da Itália e Japão) para as indústrias da região sudeste.

Assim sendo, faz-se importante mencionar que o Modernismo atravessa fases que, conseqüentemente, vão abrindo novas possibilidades para os escritores e artistas modernistas.

A primeira delas foi a precursora fase Pré-modernista, carregada de valores nacionalistas e com o desejo de construir uma arte genuinamente nacional (apesar da influência europeia) com uma linguagem mais coloquial e interesse no cotidiano nacional, acaba por fazer-se mais sincrética devido à mistura dos aspectos de diversos movimentos; a segunda (também chamada de Fase de Consolidação) é a que ganha força com a Semana de Arte Moderna, gerando transformações profundas e consolidando o Modernismo brasileiro e; a última fase, conhecida como pós-moderna, traz maior pluralidade e espontaneidade às produções artísticas, de modo especial pela liberdade de expressão.

3.1 A prosa de Trinta

Toda a produção do movimento modernista, de maneira especial a produção literária, teve destaque por romper com padrões da estética vigente. A poesia e a

prosa de trinta, como ficaram conhecidas, quebraram barreiras e abriram caminhos no mundo artístico que nunca mais se estreitaram.

De tal modo, a prosa ou o romance da década de 1930 encaixa-se na segunda fase modernista, a “Fase de Consolidação”. Nestes romances (escritos que abrangem o período de 1930 a 1945), iniciando-se pela obra “A Bagaceira”, do escritor José Américo de Almeida, nota-se o enfoque na ficção, especialmente na escrita que se comporta como denúncia social, em textos livres e despreocupados com literatura tradicional (por que rompem com estéticas que previam a rima e a metrificação para a construção de seus textos) ou com padrões formais (preferindo a linguagem coloquial e, na maioria das vezes mais crítica e igualmente irônica ou sarcástica), procurando aproximar os escritos à realidade do povo do interior do país por meio de uma linguagem completamente despretensiosa. Para estes escritores, o Brasil do interior é tão importante quanto o do litoral.

Dessa maneira, os romances foram se tornando cada vez mais urbanos e regionalistas e passaram a ter ênfase (cada vez mais intensa) no regionalismo.

Para tanto, os autores desse período, como é o caso de Graciliano Ramos, passaram a adotar características em suas escritas muito próximas ao neo-realismo, ao abraçarem uma narrativa linear e, no caso de Graciliano, dotada de análises psicológicas com uma verossimilhança voraz capaz de tipificar socialmente cada personagem e de se tornar objeto de autoidentificação e, ao mesmo tempo, de denúncia social, como é o caso da grandiosa obra “Vidas Secas”.

Estes romances também passaram a ser demarcados pela perspectiva determinista, uma vez que as personagens estariam presas a um destino imutável, independentemente das ações e caminhos percorridos ao longo da trama. Este aspecto se torna evidente no *looping*² apresentando no último capítulo de “Vidas Secas”, onde a sina dos retirantes se consolida.

Por isso mesmo, a principal temática dessa narrativa são os problemas sociais, transpostos para as páginas do livro por meio de uma linguagem completamente seca (despojada), enfatizando o ambiente e a vida das personagens que, por sua vez, são reflexo de milhares de brasileiros esquecidos no interior do país.

² Repetição automática de uma ocorrência; o mesmo que andar em círculos.

4 GRACILIANO RAMOS: Perfil biográfico e a verossimilhança

Graciliano Ramos nasceu em 1892 no estado de Alagoas, na pequena cidade de Quebrangulo. Era o filho mais velho de uma grande família formada por dezesseis irmãos. Seu pai, antes comerciante e depois fazendeiro se transfere para Pernambuco, onde Graciliano seria alfabetizado pelos próprios pais.

Em determinado momento dessa estadia, a família do escritor se vê obrigada a se mudar da fazenda onde moravam, devido aos grandes problemas trazidos pela seca. Nesse momento, já se torna perceptível a relação dos acontecimentos reais na vida de Graciliano e a própria história de “Vidas Secas”, ou seja, a verossimilhança, nesse aspecto a opressão das forças naturais (seca) e o quase nomadismo. Assim, no início do século XX, toda a família retorna para Alagoas e fixam-se na modesta cidade de Viçosa.

Este retorno proporciona ao jovem Graciliano os seus primeiros contatos com a literatura, o que mais tarde lhe transformaria em um dos maiores nomes da Literatura brasileira. Logo em seguida, o autor de “Vidas Secas” funda um pequeno jornal escolar, onde publica o seu primeiro conto: “O pequeno mendigo”, por meio do qual já demonstra a sua grande capacidade de escrita.

Ao longo de sua juventude, este autor passará por diversas mudanças de cidade e por diversos trabalhos, mas nunca abandonará a escrita que resultaria desde sonetos e crônicas até à revisão de vários jornais no Rio de Janeiro (onde passa a morar), Alagoas e Paraíba.

Em 1915, Graciliano retorna a Alagoas com a notícia da morte de alguns irmãos e outros familiares, por conta da peste bubônica. Instala-se na cidade de Palmeira dos Índios, se casa com Maria Augusta e volta a trabalhar na antiga loja do pai durante algum tempo. Posteriormente, com a morte da esposa, o autor passa a assumir uma nova escrita, com influências de Eça de Queirós, como se pode notar nos contos “A carta” e “Entre grades”. Além disso, estes dois contos podem ser considerados como gérmen para os romances “São Bernardo” e “Angústia”.

Graciliano também se lança no mundo político e chega a ser prefeito de Palmeira dos Índios, onde se destaca na administração pública e na capacidade pedagógica liderando juntas escolares na cidade. Nesse período, os relatórios escritos por ele passam a revelar a escrita madura e a propagá-la, mesmo que em documentos formais. Por isso, é nomeado diretor da Imprensa Oficial do Estado.

Conhecer a história de Graciliano é essencial porque possibilita entender a verossimilhança nas obras e o tom de denúncia utilizado na obra analisada para esta monografia. Este autor, reconhecidamente como um autor de esquerda, utiliza a sua influência política para garantir direitos a professores e, inclusive, melhorar os seus salários, desagradando, por isso, a grandes políticos da região que viram ameaçados os seus conchavos políticos oportunistas e por isso o acusaram de ser um “aliancista”, o que resultaria em sua prisão.

Mais uma vez, os acontecimentos da vida deste autor são relatados em obras literárias, como “Memórias do cárcere”, onde são expostas todas as situações terríveis às quais foi submetido.

Depois de alguns anos, o autor ainda viaja à Europa, de onde abstrai as mais diversas experiências e as relata na obra “Viagem”, mas retorna com fortes dores no peito e é diagnosticado com câncer em estado avançado, vindo a falecer aos sessenta anos de idade. Controversa, mas não incomumente, só após a morte é que este autor passa a ter grande destaque e sucesso público.

4.1 A obra Vidas Secas

Esta obra é inserida numa fatia da história da Literatura brasileira onde se destaca o regionalismo e a denúncia social por meio da arte, uma vez que os escritores passaram a tomar os maiores problemas de suas regiões como nuances ou planos de fundos para as suas experiências, ou seja, para as suas criações literárias.

Neste período, se tem a criação de um ciclo de romances regionalistas, de modo especial no nordeste, dando um delineado particular à Prosa de 30, que, por sua vez, constitui os maiores marcos do Neo Realismo no Brasil, buscando expor a verdade e os problemas sociais de suas regiões, como é visível em “Vidas Secas”.

De todo modo, a relevância desta obra para o cerne literário brasileiro é indiscutível, uma vez que diversos estudos falam sobre “Vidas Secas” e sua importância para a literatura como uma porta para o legado das obras regionalistas e para a inovação no romance, não somente por se tornar uma das expressões mais perfeitas do conceito de autenticidade e regionalismo, mas principalmente pela linguagem concisa e clara, num despojamento que reflete o mundo seco, árido. Além

disso, a obra se tornou um importante meio de denúncia social, como a maior parte dos romances regionalistas pretendia, pelo fato de Graciliano promover uma espécie de síntese entre o indivíduo e o meio, em capítulos onde o social e o psicológico acabam por se fundir, sem deixar de lado a escrita impecável e preocupada.

Sobre este ponto, autores como Castro (2001), apontam a esmerilada escrita de Graciliano e o comparam com outro importante autor da Literatura brasileira, como se pode perceber a seguir:

Não existem curvas no texto de Graciliano Ramos. Sucinta, dura e descarnada: assim é a tessitura verbal de “Vidas secas”. Sua obsessão pela redação gramaticalmente imaculada e elegante lembra Machado de Assis, embora o seu estilo não possua o jogo de ambigüidade e ironia do autor de “Dom Casmurro”, é preciso dizer que de todos os escritores brasileiros o mais “clássico”, o mais “machadiano” é Graciliano, pela correção da escrita que decanta conscientemente o jorro da oralidade e evita fazer concessões ao gênero populista. (CASTRO, 2001, p. 74)

Essa escrita “sucinta, dura e descarnada”, é perfeitamente perceptível em “Vidas secas”. Esta obra é composta por treze capítulos que, por não serem enumerados, podem ser lidos em diferentes sequencias, mantendo-se apenas o capítulo “Mudança” (primeiro capítulo) e “Fuga” (último capítulo), por que preservam uma ligação entre si e criam o *looping* ou o ciclo (aspectos do determinismo) e selam o destino dos personagens, o livro apresenta uma história não linear de uma família sertaneja em situação de miséria que busca por melhores situações, assumindo o papel de nômades em decorrência da pobreza e da força natural da extrema seca no nordeste brasileiro. Por causa deste e de outros aspectos, a obra se comporta como uma verdadeira denúncia social, como supracitado, o que também pode ser entendido como uma das características da escrita de Graciliano.

A família da trama é composta por quatro pessoas (Fabiano, Sinhá Vitória e os meninos mais novo e mais velho – não nomeados na trama) e a cadela Baleia. O intrigante da história é que Baleia é, talvez, a personagem com características mais humanas/humanizadas, provocando o inverso (a zoomorfização) nos personagens humanos, que passam a se comportar como animais em determinados momentos.

Neste aspecto, em relação aos personagens, Sinhá Vitória recebe destaque nessa análise, porque o estudo sobre ela pode permitir um olhar diferente a respeito do perfil feminino desenhado por Graciliano. Isso será possível diante da utilização de um estudo dialético à luz da Literatura Modernista Brasileira, de maneira especial à

prosa de 30, porque esta foi capaz de demarcar importantes mudanças no cenário literário, refletindo iguais transformações no cerne político, histórico e social.

Sob esta mesma ótica, é possível reconhecer que o regionalismo mostra que o “verdadeiro” Brasil não está apenas nos litorais, mas no coração do país também. Por isto mesmo, a obra em questão é um importante objeto de estudo social, pois retrata a realidade de milhares de nordestinos que (até os dias atuais) enfrentam a seca, o nomadismo e as desigualdades de perto.

Instiga-se assim que, a partir da análise sob o olhar da personagem feminina, construindo tese sobre sua participação no enredo, seus sonhos, medos, desejos e angústias, será possível acentuar a importância de estudos dialéticos, como este, para o meio acadêmico, visto que, a construção da personagem feminina, a estruturação dos capítulos, o vocabulário e até mesmo a sintaxe em “Vidas Secas”, analisados sob este viés, são os fatores que causam o efeito-chave na composição deste romance.

Por outro lado, é possível entender que a Literatura Brasileira esteve sempre tão acostumada a retratar a mulher desejada perfeita e linda (como se atesta no romantismo), que personagens como Sinhá Vitória podem acabar passando despercebidas nas análises deste tipo, especialmente por que a mulher costuma ser o foco nas obras literárias brasileiras de outras maneiras. Mas, com sua humanidade em jogo, Sinhá Vitória corre o risco de ser animalizada por não ouvir seus sonhos ou por estar fatalmente presa numa espécie de sina, num ciclo que se inicia no primeiro capítulo e se reinicia no último capítulo da obra, ocasionando o que os autores chamam de neo-naturalismo brasileiro.

Com tantos aspectos a serem tratados em “Vidas Secas”, preferiu-se escolher esta personagem mediante a necessidade de entender o perfil feminino dentro da prosa de Graciliano e, se sua função, realmente influi sobre os aspectos do enredo ou simplesmente age como papel menos importante, secundário.

Dessa maneira, ao analisar o perfil feminino nesta obra de Graciliano Ramos, torna-se perceptível que, progressivamente, o autor foi acrescentando atitudes e atribuindo mais voz à Sinhá Vitória, mesmo que no decorrer da trama e “desfecho” da história, esta personagem retorne ao seu estado silencioso e seco, oprimida pelas forças da natureza e da submissão a Fabiano, apesar da esperança de uma vida melhor, o que a impele a voltar a andar sob o esturricante sol do sertão nordestino.

Como se pode perceber até este ponto, a obra de maior destaque de Graciliano Ramos é “Vidas Secas”, contando a história de uma família retirante, que foge da fome, das condições de miséria e da força implacável da seca. A obra pertence ao segundo maior filão da Literatura brasileira (o regionalismo) e ao segundo momento do movimento modernista no Brasil (autores de 30), sendo considerada uma das obras de maior sucesso no período.

A história se passa no sertão nordestino e traz, como principal diferença para os romances anteriormente consagrados pela Literatura brasileira, a apurada utilização técnica da linguagem, do tipo de discurso, narrador e nome dos personagens. A cada item, Graciliano transporta para o papel o sofrimento dos retirantes nordestinos e se une a outros artistas e escritores do período que buscam trazer à tona o Brasil sertanejo, escondido e esquecido.

Desde o título, esta obra procura evidenciar a marginalização do Brasil interiorano. Quanto ao título, de acordo com Castro (2001):

Inicialmente, Graciliano Ramos pensou em chamar seu romance de “O mundo coberto de penas”, mesmo título do penúltimo capítulo, bastante sugestivo pela ambiguidade contida na palavra “penas” [...] tanto pode se referir às plumas das ameaçadoras aves de arribação como dimensionar o sofrimento e o desespero da família sertaneja. (CASTRO, 2001, p. 29).

Contudo, o autor preferiu escolher “Vidas Secas”, por que a expressão condensa as ásperas e subumanas condições às quais as personagens eram submetidas.

Neste mesmo sentido, ainda com base na justificativa da escolha do título, pode-se analisar o quanto há um cuidado nesta expressão que acaba se configurando como um oximoro (semelhante ao paradoxo, essa figura de linguagem é uma antítese que leva a relação entre os termos ao ápice do absurdo), uma vez que o adjetivo “Secas” nega ou se opõe ao substantivo “Vidas”. Além disso, os termos se opõem causando uma forma de interpenetração entre o orgânico e o inorgânico, aspectos constantemente reafirmados ao longo da trama, seja pela vida das personagens (que se comportam quase como cactos, se adequando às condições de seca extrema), seja pelo diálogo escasso (por vezes apenas gestos ou sons guturais que quase lhe transformam em animais) ou mesmo pela linguagem seca e dura utilizada cuidadosamente por Graciliano.

A história da publicação desta obra se mistura às dificuldades financeiras do autor em momentos que sucedem à prisão. Para sobreviver, Graciliano escreveu os capítulos de “Vidas Secas” individualmente e os vendeu com títulos distintos a diferentes jornais, como estratégia para angariar fundos para poder pagar a pensão em que se hospedou. Isso, de certo modo, concedeu aos capítulos uma autonomia admirável, lhe dando o aspecto de quadros. Por isso mesmo, esta obra pode ser lida de maneiras diferentes, alterando-se as posições dos capítulos, sendo necessário apenas manter a ordem do capítulo “Mudança” e “Fuga”, que mantêm entre si uma correlação de continuidade ou retorno.

Neste sentido, o que fica mais evidente na obra é que toda a estrutura da trama se dá em, basicamente, três movimentos que se intercalam e continuam (mesmo que fora do enredo, como sugere o último capítulo), sendo eles: a retirada; a permanência (na fazenda durante algum tempo) e; a retirada (que fecha o círculo da obra neo realista e determinista, prendendo as personagens em destinos dos quais não é possível escapar).

De acordo com Castro (2001):

Mais que qualquer outra obra da tradição literária brasileira, *Vidas secas* condensa todas as pressões que ensejam a miséria sertaneja. A precisão no desenho das imagens sem concessões sentimentais, revela que o que realmente pesa, no dia-a-dia dos retirantes, é a ausência de qualquer possibilidade de vida contínua. (CASTRO, 2001, p. 34)

Ou seja, muito além da denúncia sobre a situação de miséria das personagens, Graciliano acentua a incapacidade de mudança ou a impossibilidade de melhoria da vida destes sertanejos.

Em outros termos, de acordo com Duarte (2005):

Em Graciliano, o sertão não vira mar. É sempre o árido sertão de areias quentes e vegetação retorcida. As areias atrasam o passo de seus pobres viventes, a vegetação quase nenhuma sombra oferece aos retirantes de *Vidas secas*. Publicado em 1938, logo no primeiro momento do Estado Novo, o romance de Fabiano e Sinhá Vitória, traz o camponês nordestino em sua caminhada infrutífera em terra sempre alheia. (DUARTE, 2005, p. 30).

De modo especial, o caráter do silêncio ou do não uso da palavra, impede que os membros desta família criem uma comunhão maior e quebrem os estreitos e aprisionadores limites do cotidiano. Neste aspecto, o não uso da palavra é visto como distanciamento do “perigo”, por que, por meio delas é que Fabiano foi submetido às

diversas situações de exploração e injustiça pelas mãos do dono da fazenda, do soldado amarelo, do fiscal da prefeitura, enfim, por aqueles que o oprimiram.

4.2 O protagonismo feminino: Sinhá Vitória Vs. Baleia

Diante do núcleo, relativamente pequeno, Graciliano surpreende com a construção de duas personagens femininas que encarnam a força, a astúcia e a coragem de quem necessita sobreviver às duras imposições naturais naquele território. Estas personagens são: Sinhá e a cadelinha Baleia.

Certamente, a cadelinha Baleia costuma ganhar destaque na maioria das análises sobre esta obra, por que, de fato, é a personagem que apresenta as sensações mais humanas do enredo (antropomorfização), além de ser considerada como um importante membro da família, como é possível ler no capítulo dedicado à ela em Ramos (2006): “Ela era como uma pessoa da família: brincavam juntos os três, para bem dizer não se diferenciavam, reboavam na areia do rio e no estrume fofo que ia subindo, ameaçava cobrir o chiqueiro das cabras”. (RAMOS, 2006, p. 86)

Um dos aspectos que mais intensifica a humanização de Baleia é o tempo psicológico. Além disso, outros aspectos como o tempo, o espaço, o meio social e, especialmente, as condições de vida intensificam as características (como a animalização) das demais personagens. A linguagem utilizada também é uma marca dessa situação.

Ao longo de toda a participação de Baleia no enredo, os traços de sua humanização ficam bem claros por meio dos atributos descritos como “achava”, “pensava”, “não sabia”, “sentiu”, etc. Porém, é no capítulo intitulado “Baleia”, onde é narrada a lenta morte do animal, que suas características humanas ficam mais evidentes. A lenta morte e o desvario que a faz se imaginar num local de caça e falta de liberdade fazem com o que o leitor sofra como se estivesse vendo morrer um bom ser humano.

Ao contrário de Fabiano, que não se dá bem com os outros seres humanos, Baleia sonha e sente dor, se alegra e se entristece, pensa e pondera, opina e aprova com o balançar de sua calda ou assumindo uma expressão mais rígida e, inclusive, se sente responsável por sustentar a família em tempos de grande miséria, como no episódio da caça ao preá logo que chegam à fazenda.

Possivelmente, esta é uma das vertentes do protagonismo feminino procurado por esta análise monográfica. Baleia, sendo um ser do sexo feminino, assume o papel do ser humano e ajuda a família a sustentar as piores penas. Sua participação na trama é realizada de uma forma que a cadelinha pode ser confundida com a consciência ou subconsciência das personagens em certos pontos.

Já Sinhá Vitória pode ser vista sob o prisma da mulher nordestina que sonha e luta pela vida, agarrando-se às escassas oportunidades de aplacar a fome de sua família e de ajudar ao esposo Fabiano a identificar as situações de exploração. Apesar disso, Sinhá Vitória detém o poder de decisão de sua família, especialmente por que Fabiano a considera mais sábia do que ele e a consulta constantemente antes de tomar decisões importantes. Alguns capítulos da obra deixam claro essa participação de Sinhá Vitória com lucidez e consciência nas decisões e no destino da família.

Sob mesma égide, é possível dizer que esta personagem condensa em si diversos aspectos da mulher não submissa, diferente de personagens anteriores da Literatura brasileira. Certamente, Graciliano desenha esta personagem com características diferentes dos demais membros da família. Até mesmo a escolha do nome pode ser analisada sob esta égide, por que, de acordo com Magalhães (2001):

A personagem feminina é nomeada com a conjunção do nome próprio Vitória e o pronome de tratamento sinhá; de tal forma é a combinação desses dois léxicos, que um não tem sentido sem o outro na nomeação da personagem, isto é, não há uma sinhá, nem uma Vitória, mas uma mulher cuja denominação é sinhá Vitória. O pronome de tratamento sinhá aparece, no cotidiano brasileiro, para designar as mulheres ligadas ao poder econômico no universo rural. São as esposas dos proprietários de terra, a que os escravos se referem como sinhá [...] Com a abolição da escravatura e o posterior desenvolvimento das relações de trabalho capitalistas, o termo “sinhá” adquire uma corruptela que designa as mulheres casadas, pobres, mas que merecem respeito. (MAGALHÃES, 2001, p. 120)

Aqui se nota o princípio do aspecto do protagonismo feminino, ao passo que Graciliano apresenta a liderança intelectual de uma família pelo olhar feminino, numa época em que o paternalismo ainda era o aspecto social e literário dominante. Neste sentido é que se aponta a força de Sinhá Vitória, movida por seus sonhos (a força motriz necessária para impulsionar a fuga do sertão) e persistência, totalmente diferente do perfil frágil que poderia existir em uma personagem em situação de miséria e flagelo social/natural.

De toda maneira, faz-se importante reconhecer que esta personagem é diferente por que, ao contrário de Fabiano e dos meninos (alheios a tudo), Sinhá

Vitória não se sentia presa àquele local e sabia que o destino de seus filhos não estava selado e nem precisava ser como o dela. Em alguns trechos, há uma lucidez tão incomum nesta personagem, que ela chega a julgar as pessoas e as situações com as palavras certas e de maneira clara. Esta personagem, por vezes, determina o andamento da trama e é capaz de influenciar nas decisões de Fabiano para que ele encontre a melhor alternativa para si e sua família em momentos de decisões importantes.

Contudo, mesmo encontrando esta personalidade forte nas linhas e entrelinhas de “Vidas secas”, nota-se que a personagem se vê constantemente frustrada ao passo que o sonho de ter uma cama de confortável como a do Sr. Tomás da Bolandeira, fica cada vez mais distante e irrealizável. Com isso, ela se afasta do mundo e, entre tragadas em seu cachimbo, sonha com todas as possibilidades de viver em um local diferente e poder se preocupar com outras coisas (como a educação de seus filhos e uma vida melhor para ela e sua família) que não sejam a sobrevivência e a fuga da seca.

5 METODOLOGIA

5.1 O *corpus*

Esta pesquisa pode ser classificada como exploratória e explicativa, por que pretende estabelecer uma familiaridade com a temática, rememorando aspectos da obra “Vidas Secas” e de seus contextos, assim como aqueles relacionados ao autor, para assim poder aprofundar a análise de maneira mais específica sobre a personagem Sinhá Vitória e identificar se há influência desta personagem em relação às decisões da família flagelada.

Para tanto, foi necessário estabelecer algumas etapas que consistem em pesquisas bibliográficas, trazendo a leitura como instrumento de capacitação e de ampliação dos conhecimentos adquiridos. Neste intuito, será realizada uma pesquisa de cunho qualitativo e dialético, haja vista que se levam em consideração as consultas em diversos meios como: livros, arquivos eletrônicos, artigos e revistas para estabelecer resultados não mensuráveis em quantidade, mas sim na qualidade das relações entre o sujeito e o mundo real, de maneira a estabelecer uma ligação entre a construção da personagem feminina Sinhá Vitória e o conceito de protagonismo feminino.

5.2 O método

O método ou mesmo as técnicas de análise utilizadas nesta monografia se baseiam em pesquisas bibliográficas, uma vez que a leitura analítico-comparativa serão essenciais para elucidar as teorias aqui levantadas e poder embasar teoricamente tudo o que se apontou.

Para uma análise completa contará com o uso de revisões diárias e aprofundamento do conteúdo durante a elaboração do trabalho. De maneira mais objetiva, as técnicas utilizadas deverão se basear nas seguintes: Pesquisa bibliográfica; Leitura e análise da obra “Vidas Secas” (essa fase será refeita durante a construção da monografia, por que a releitura permite novos olhares sobre a obra); Pesquisas sobre o Modernismo brasileiro e sobre o perfil feminino das construções de Graciliano Ramos (onde serão levantadas as principais teorias desta monografia e identificado se estas possuem fundamento).

6 O SONHO E O MEDO: forças e fraquezas de Sinhá Vitória

Graciliano Ramos, como se pode notar, pode ser considerado como um dos escritores de maior expressividade na prosa de 1930, porém, só alcançando máxima repercussão e destaque depois de sua morte. Em vida, o autor se mostra um escritor de esquerda, com um posicionamento em suas obras que revela a sua insatisfação com o capitalismo e a situação de miséria das pessoas do interior do Brasil. Ou seja, para o autor, a obra precisava ter como temática a preocupação com os problemas sociais e se tornar, dessa maneira, um instrumento de denúncia social.

De tal forma, na atualidade, o nome do autor está ligado à vertente mais forte do regionalismo puro dentro da literatura brasileira, com especial destaque para a obra “Vidas Secas”, com sua linguagem concisa e objetiva, numa narrativa direta e linear onde cada aspecto foi escolhido cuidadosamente para criar o efeito que se vê em toda a trama, desde a escolha do próprio título da obra, pois, conforme diz Castro (2001, p. 29): “Inicialmente, Graciliano Ramos pensou em chamar seu romance de ‘O mundo coberto de penas’, mesmo título do penúltimo capítulo, bastante sugestivo pela ambiguidade contida na palavra ‘penas’”. Ou seja, Graciliano havia pensado nesse título por que “penas” poderia se referir, ao mesmo tempo, às terríveis aves de arribação e também ao sofrimento e desespero da família protagonista da obra.

Contudo, acaba escolhendo o atual título por condensar vários significados que se aglutinam para denunciar o grau de pobreza e miséria aos quais os sertanejos eram submetidos: “Vidas Secas”. Vidas secas em todos os sentidos.

Até mesmo a escolha do tipo de narrador e do discurso acentuará a característica dialogal da trama, num jogo de auto identificação entre narrador e personagem, uma vez que ambos disputam a vocalidade do texto.

Conforme afirma Candido (1992), é preciso ter cuidado ao realizar tal apontamento porque, em “Vidas Secas”, o discurso indireto livre não faz do narrador um simples intérprete, mas alguém que relata com objetividade e assertividade as desventuras desta família nordestina que se encontra presa nesta sina de retirante, conforme se lê a seguir:

Não é simplesmente um intérprete mimético, mas alguém que institui a humanidade dos seres que a sociedade põe à margem. Um narrador que, ao usar o discurso indireto livre trabalhou como uma espécie de procurador do personagem que está legalmente presente, mas ao mesmo tempo ausente. O narrador não quer identificar-se ao personagem e, por isso, há na sua voz

uma certa objetividade de relator [...] que sem perder a sua identidade, sugere a dele. (CANDIDO, 1992, p. 106-107).

Assim, quando se observam os itens que compõem a referida obra, torna-se possível entender que, na maioria das vezes, a relação que se encontra entre a realidade e a estrutura, enredo e contexto dos romances (nesse caso, da prosa) se dá por verossimilhança ou por uma relação dialética que carrega uma forte visão de mundo e, por isso mesmo, acaba por se tornar um reflexo social.

Contudo, com isso não se quer dizer que a obra é um espelho ortogonal, mas sim uma representatividade que carrega em si um leque de possibilidades de análise. Por exemplo, parafraseando Castro (2001), pode-se falar que a própria composição de “Vidas Secas” é aberta, com capítulos completamente autônomos, que se ordenam apenas por justaposição, como quadros que são colocados lado a lado em uma parede. Isso abre uma série de possibilidades de leitura: em sequência, aleatória ou isoladamente, diferente da proposta do autor.

Nada obstante, faz-se necessário frisar que essa visão não é pura e unicamente individual, pois o próprio escritor pode ser visto como sujeito que, por sua vez, carrega o ponto de vista da classe ou grupo social ao/aos qual/quais pertence. Assim sendo, querendo ou não, o escritor precisa se apoiar nalguma concepção ou ideologia para escrever ou até mesmo em outras obras.

Determinados estudos, como o realizado por Dácio Antônio de Castro (2001), apontam que “Os Sertões”, do pré-modernista Euclides da Cunha, acabou sendo inspiração para a criação de “Vidas Secas”. De fato, muito do que se lê na prosa pré-modernista de Euclides, parece abrir caminho para o enredo do modernista Graciliano.

Castro ainda afirma que:

O princípio da tragédia (Vidas Secas) que orienta a vida de Fabiano e de seus descendentes é um prolongamento de um conceito instaurado por Euclides da Cunha em ‘Os Sertões’. É uma verdade histórica que vem de longe: Euclides já dizia que o sertanejo copia o pai, como o pai copia o avô, como o avô copiava o bisavô, numa sequência de gestos que se perpetua eternamente: é uma genealogia em que não há progresso social. (CASTRO, 2001, p. 23).

Neste sentido, pode-se analisar esta grande e importante criação de Graciliano Ramos, uma vez que o autor é capaz de inscrever no papel os aspectos mais reais possíveis, abstendo-se da norma padrão vigente, dos modismos na literatura e irrompendo uma escrita completamente atual, original e autêntica,

conforme Sússekkind (1984, p. 170) expõe no livro “História Concisa da Literatura Brasileira” ao dizer que “com sua linguagem seca, seus períodos curtos e densos, Graciliano fratura os ciclos romanescos, a verbosidade do naturalismo dos anos Trinta”. Ou seja, em “Vidas Secas”, Graciliano transcreve de forma artística os aspectos do seu grupo social e, sendo um escritor de esquerda, passa a utilizar a literatura como objeto de denúncia social, de insatisfação com o capitalismo, como afirma Candido ao dizer que a obra “é o seu protesto, o modo de manifestar a reação contra o mundo das normas constritoras” (Candido, 1992, p. 63) e nela o autor está sempre defendendo o humanismo e até mesmo acreditando que é possível superar as situações opressoras neste mundo alienado.

Nesta vertente, pode-se falar sobre a questão que Graciliano expõe nesta obra, procurando representar cada homem, mulher e criança nordestina (ou de qualquer outra região do país) que se veem esmagados pela força da natureza (seca) e, principalmente, pelas demais pessoas (em processos de opressão social) e pela própria vida. Portanto, Fabiano, Sinhá Vitória e os dois meninos tornam-se os retratos da denúncia velada em seu enredo, pelas mãos de quem conheceu de perto os flagelados (pela força natural ou social) que lhe partilharam os problemas:

Não era mais um observador estranho aos acontecimentos. Tomava parte neles – era massa, era número... vivia identificado, misturado como o povo, sentindo suas dores, chorando suas misérias, lutando - lutando sempre. (RAMOS, apud REIS, 1993, p. 73).

Ainda sob esta mesma ótica, entende-se que Graciliano surpreende o leitor ao representar pessoas que estão a palmos da miséria, numa luta constante pelo mínimo para sobreviver e, assim, como a preocupação deles estava sempre detida com o básico para a sobrevivência, não lhes restava tempo para mais nada, nem mesmo para conversas menos monossilábicas ou para sonhar, numa representação necessária da realidade, conforme o próprio autor Castro(2001, p. 7) diz: “Acho que o artista deve procurar dizer a verdade. Não a grande verdade, naturalmente. Pequenas verdades, essas que são nossas conhecidas”.

Neste ponto, entende-se que a “humanização” da cachorrinha Baleia acentua ainda mais as situações expostas na obra, os processos sociais de opressão e marginalização, uma vez que os seres humanos (neste enredo) têm menos sonhos que a própria cadela.

No ensejo do sonho, a personagem humana feminina de maior destaque na obra, Sinhá Vitória, tem seus anseios e sonhos como catalizadores de suas esperanças e forças. Ela se tornou o foco desta pesquisa por este e outros motivos. Por isto mesmo, pretende-se analisar e entender se ela possui influência sobre os demais personagens e sobre o enredo.

Sinhá Vitória é uma cafuza (relativo ao filho de negro e índio) inteligente que se revolta com os afazeres domésticos e até mesmo se enerva com os filhos e com a cachorrinha Baleia. Diferentemente de estereótipos femininos o de a mulher é guiada pelo homem, Sinha Vitória é quem guia Fabiano, ela formula ideias, toma atitudes, resumindo ela é mais forte no sentido intelectual do que o seu próprio marido.

Entende-se que:

Por ser mais astuta que Fabiano, é menos vulnerável que o marido. Suporta, com constantes reclamações, a carga dos afazeres domésticos e lida impacientemente com os filhos [...] Diferencia-se do marido pelo instinto de posse, manifesto no sonho de vir a ter uma “cama de lastro de couro” igual à do seu Tomás da Bolandeira (CASTRO, 2001, p. 68).

Essa colocação de Castro é bem útil para que se entenda que a posse de um simples e básico objeto, representa para a personagem um anseio de vida, uma conquista que lhe fará se reconhecer como cidadã, o que pode ser encarado como algo fundamental para a construção e reconhecimento de sua própria imagem ou para provar que vive uma vida plena no domínio cultural. Como esse sonho se distancia no decorrer de toda a trama, a pobre personagem se frustra e, às vezes, passa a apelar para Deus e a Virgem Maria.

No domínio do sonho, o desejo de se autorreconhecer cidadã faz de Sinhá Vitória mais evoluída e até mesmo mais humana do que seu marido, Fabiano. Esta condição faz dela, muitas vezes, o esteio da casa e das decisões da família, como no episódio do “acerto de contas”, onde ela realiza cálculos e dá a certeza de que Fabiano fora enganado pelo fazendeiro.

Castro continua dando outros vislumbres sobre Sinhá Vitória em sua análise no roteiro de leitura de “Vidas Secas”, quando aponta:

Mesmo na condição subumana de retirante, ela demonstra possuir uma certa destreza mental, é ‘letrada’, e detém, de certa maneira, a supremacia da família, pois “orienta” Fabiano [...] Quando Baleia fica doente, a ponto de poder contagiar a família, a racionalidade de Sinhá Vitória é maior que a estima pela cachorra: pressiona o marido na decisão de se livrar do animal

[...] Ao contrário de Fabiano, as comparações que Sinhá Vitória faz da família com animais assumem sempre caráter negativo. (CASTRO, 2001, p. 69).

Sinhá Vitória, dessa maneira, influi sobre as decisões de Fabiano, que a consulta sempre que surge alguma situação (especialmente envolvendo cálculos ou leituras), para que esta o aconselhe sobre a melhor decisão. Como se percebeu, o sonho de ter uma cama confortável ocupa grande parte dos pensamentos da personagem e a transforma em um ser mais humano do que seu marido e seus dois filhos. Além disso, ela se torna a principal responsável por dar sentido à caminhada e até mesmo à sobrevivência de todos.

Sobre isto, Lourival Holanda (1992) a aponta com uma lucidez incomum, ao mencionar o seguinte aspecto sobre ela:

A ilusão se funde ao mesmo horizonte da esperança. Faz da cama miragem que põe a caminhar a caravana. Nenhum caminho leva a caravana a alcançar sua miragem, mas é essa miragem que a põe em marcha [...] imagem mesmo do desejo que move o mundo. (HOLANDA, 1992, p. 54)

Porém, Sinhá Vitória ainda se vê esmagada pelo espaço social e físico (natural) e sente que as possibilidades de vida e de autorrealização são mínimas, devido aos limites impostos pela natureza e pelas outras pessoas que detêm alguma forma de poder e os oprime de alguma maneira: o dono da fazenda, o soldado amarelo, o funcionário da prefeitura e etc. Até mesmo o destino de seus filhos parece amarrado como o seu, sem possibilidades de ascensão social de nenhuma forma.

Neste aspecto, autores como Afrânio Coutinho (1970, p. 26), apontam que a obra é “inquietante e de inquietação, denunciadora e angustiada, numa perquirição cruel trazida do auscultar constante do intercâmbio humano, num regionalismo nem um pouco redutivo e sim aberto para conter toda a experiência vital”.

Enfim, a personagem feminina sente e sabe que suas vidas serão este eterno ciclo de fuga, este nomadismo imposto pelas estiagens que os farão caminhar sob o castigador e brilhante sol do sertão nordestino, sem nunca terem um lugar onde poderão criar raízes e se preocupar com outras coisas além do mínimo para a sobrevivência.

6.1 Resultados e discussões

Ao analisar a possibilidade de existência ou não do protagonismo feminino na personagem Sinhá Vitória, foi possível encontrar uma série de fatores que apontam para o “sim”.

Sinhá Vitória se mostra uma mulher forte desde as primeiras linhas da obra onde atravessa um terreno castigado pelo sol do sertão nordestino com o filho mais novo escanchado na cintura e uma série de tralhas na cabeça ou presas a partes distintas de seu corpo. Apesar do diálogo paupérrimo, é ela quem orienta Fabiano nas decisões mais difíceis e o ajuda a ver que está sendo enganado pelos outros personagens da trama.

Apesar de ser dona de casa, a personagem suporta os afazeres domésticos sob constante reclamação e irritação e lida impacientemente com os dois filhos, transformando os resmungos em palmadas em determinados momentos. É menos vulnerável do que Fabiano pela sua astúcia e apresenta um sentimento de posse alimentado pelo sonho de ter uma cama de lastro de couro. Veladamente, a cama pode representar não somente uma realização pessoal, mas o alcance de uma forma de consciência de cidadania, ou seja, de se reconhecer como pessoa que vive uma vida plena e tem o domínio cultural necessário para viver em sociedade.

Pode-se mensurar que este sonho possui uma dimensão muito maior na vida de Sinhá Vitória, comportando-se como pretexto para não perder de vista os seus objetivos ou até mesmo funcionando como uma metáfora para todas as mudanças que ela queria alcançar para se sentir realizada. Para isso, ela seria capaz de fazer tudo o que fosse possível (venderia a porca marrã, deixaria de comprar querosene, venderia as galinhas, etc.), mais uma vez evidenciando o seu perfil de maior independência em relação a outras mulheres donas de casa apresentadas em obras literárias, uma vez que, nos seus sonhos não cabia apenas uma cama, mas um futuro melhor para ela, o marido e para os seus filhos.

Nesta mesma perspectiva, faz-se importante mencionar que, diferentemente de Fabiano (como citado anteriormente), Sinhá Vitória não queria viver para sempre naquela situação de miséria e nomadismo. Ela queria mudar um antigo ciclo ao qual milhares de nordestinos ainda são submetidos até os dias atuais: um ciclo de miséria e injustiça social que impede o pobre de ter um pedaço de chão.

Sobre este aspecto, do protagonismo e sonho de personagens feministas, Perrot (1992) aponta que:

O feminismo por vezes contribui para essa reavaliação do poder das mulheres em sua vontade de superar o discurso miserabilista da opressão, de subverter o ponto de vista da dominação, ela procura mostrar a presença, a ação das mulheres, a plenitude de seus papéis e mesmo a coerência de sua cultura e existência de seus poderes. (PERROT, 1992, p. 170)

Apesar de Sinhá Vitória ser uma personagem construída no século XX e não ter consciência de luta de classe, se comporta com lucidez no julgamento das pessoas e do próprio mundo. Isto faz com que sua natureza seja reflexiva, ativa e crítica da realidade. Este apontamento se dá por causa da sua capacidade de perceber as relações de poder e a opressão que esmaga Fabiano na lida com outros homens.

Em decorrência destas percepções é que se pressupôs ter influência sobre o andamento da trama, especialmente por que era capa de contagiar ou influenciar as decisões de Fabiano, como afirma Kirkwood (1986):

O poder não é, o poder se exerce. E se exerce em atos, em linguagem [...] Não é essência. Ninguém pode tomar o poder e guardá-lo numa caixa forte. Conservar o poder não é mantê-lo escondido, nem preservá-lo de elementos estranhos. É exercê-lo continuamente [...] é fazer com que outros façam ou pensem. (KIRKWOOD, 1986, p. 203)

Por isso mesmo, além de não se contentar com aquela miserável vida, a personagem procurava orientar ou contagiar Fabiano sempre que possível. Para ela, o centro urbano era o prêmio por que ali poderia educar os seus filhos e transformar o destino deles em algo diferente do dela e de Fabiano.

Essa vontade de alcançar um mínimo de conforto e bem-estar germina a partir de uma personalidade mais decisiva e a sua condição de âncora da família retirante fica ainda mais clara no episódio do “acerto de contas” com o patrão, por que é ela quem faz os cálculos e dá a certeza a Fabiano de que este fora enganado. Por este motivo, mesmo na condição subumana de retirante, Sinhá Vitória demonstra possuir destreza mental (“é letrada”) e detém a supremacia da família, por que é quem orienta Fabiano.

Outros capítulos também delineiam esta personalidade de Sinhá Vitória, como no momento em que Baleia adoece ao ponto de contaminar a família. A sua racionalidade é maior do que a estima pelo animal e é ela quem pressiona o marido ao dar um fim ao sofrimento de Baleia e ao risco de contaminação de todos ali.

Muitos pontos diferenciam Sinhá Vitória de Fabiano. Ao contrário do marido, quando as comparações com animais surgem no contexto dela enquanto personagem, são sempre em caráter negativo, como quando se zangava com o velho costume de dormir logo ao entardecer, pois não eram galinhas para tal. Neste contraponto, embora Fabiano fosse quem mantinha a família, era Sinhá Vitória quem liderava na administração da casa e na tomada de decisão. De tal maneira, nota-se que a sua capacidade de reflexão e enunciação confirmava-se tanto na forma como conduzia o grupo quanto nas adversidades enfrentadas por toda a família e era o cenário inóspito que dava a ela essa autoridade.

Sobre a questão supracitada, autores como Bhabha (2003) afirmam que:

O processo enunciativo introduz uma quebra no presente performativo da identificação cultural, uma quebra entre exigência culturalista tradicional de um modelo, uma tradição, uma comunidade, um sistema completamente estável de referência (BHABHA, 2003, p. 64)

Com o auxílio dessa referência, pode-se notar que Graciliano irrompe com o discurso tradicionalista por meio da personagem feminina, principalmente por que ela assume a fala e exprime em linguagem a alocação que o marido, mesmo sendo “dominante”, não consegue dizer. Este aspecto afirma o protagonismo feminino em Sinhá Vitória, sobretudo por que quebra com as preleções da supremacia masculina acentuadas pela civilização e pela religião.

Portanto, a personagem feminina humana nesta obra comporta-se como transgressora das normas e assume a posição de líder e mobilizadora do seu grupo familiar, do seu clã.

O entendimento sobre a personalidade de Sinhá Vitória enquanto transgressora de normas e padrões precisa vir associada paralelamente ao entendimento da própria escrita de Graciliano Ramos, pois o seu caráter transgressor se faz presente nesta e em outras obras.

Esta discussão se fez necessária para que possa expor as desigualdades que permanecem ditando regras e reproduzindo preconceitos e intolerância. Graciliano, de certo modo, leva o leitor a um debate sobre a construção das relações de gênero, tentando ultrapassar os discursos que enfatizam a rigidez dos papéis e lugares sociais determinados pelo simples fato de ser homem ou mulher.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Vidas secas” se destaca, dentre as obras de Graciliano Ramos, por explorar em máximo grau as experimentações no modo de narrar. Este autor selecionou cuidadosamente cada detalhe dessa construção para alcançar esta perfeição estilística e admirável: o discurso indireto, a narração em terceira pessoa, os diálogos paupérrimos e a escrita sucinta, direta e cortante. Todos estes aspectos, ao lado do cenário árido e seco, provocam o efeito único desta obra.

Além disso, a obra surpreende sob o prisma das inovações temáticas e técnicas e da exploração original dos recursos de linguagem, dos efeitos de sentido criados pelas intencionais manobras com o código linguístico marcos de literalidade.

Contudo, a obra não chama a atenção unicamente pelos aspectos acima elencados, mas também por trazer em sua narração o permanente tema da utopia social, que é característica muito própria de Graciliano. Portanto, nesta obra se nota a esperança traduzida na persistência e determinação das personagens em perseguirem a possibilidade concreta de participação social, que pode ser traduzido na maior aspiração comum do grupo: o direito à cidadania.

Neste contexto, pode-se perceber, de modo especial, que a personagem Sinhá Vitória, ao almejar a cama de lastro de couro, na verdade acalenta a ideia de viver com o mínimo de conforto material e de se sentir realizada.

Dessa forma, a maior força dessa personagem é o próprio sonho, por meio do qual busca pretexto para adquirir uma vida digna, idealizando um futuro para a sua família. Esta personagem traz em si a força da mulher nordestina e age como âncora no grupo familiar, sendo a mais inteligente e esperta da família, influência nas decisões de Fabiano e no destino de todos. Contudo, sua principal fraqueza foi não concretizar as ações que previa fazer a fim de comprar sua cama (vender os animais, economizar querosene etc.), porque isso a coloca num estado de inércia em determinado ponto.

Neste sentido, esta monografia trouxe ao debate os aspectos de “Vidas secas” que, por sua vez, já provocava (desde a sua primeira publicação) discussões sobre a permanência dos conceitos masculinistas, sugerindo que reavalie os processos históricos com novas perspectivas capazes de contemplar as diferentes minorias.

Graciliano Ramos e a prosa de 30, ainda alinhada com a concepção instaurada pelo Realismo (de arte como instrumento de crítica social), alargou a visão problematizadora da sociedade rural brasileira e, neste sentido, colocou em pauta o papel da mulher real, não idealizada.

Em outras palavras, “Vidas secas” permite diferentes análises (e suas reflexões) que envolvem a questão da mulher e de sua representatividade ao longo da história. No século XX, onde o paternalismo era ainda mais presente, esta obra age como objeto de diferentes denúncias: social, econômico, política, de gênero etc., ao estabelecer essa relação de comando familiar numa personagem mulher, marginalizada e de pouca instrução, num ponto de vista completamente transgressor.

Foi diante deste contexto, que esta monografia buscou construir um estudo capaz de trazer ao plano da discussão um importante papel para a formulação de novas perspectivas sociais e históricas capazes de despertar outro imaginário de personagens femininas, como Sinhá Vitória.

REFERÊNCIAS

AFRÂNIO, Coutinho. **A Literatura do Brasil**. Vol. 5. Rio de Janeiro: Editorial Sul Americano, 1970.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila. Ed. 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

BRASIL. Lei nº. 11.340/2006, de 07 de agosto de 2007. **Cria mecanismo para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccvil03/ato_2004-2006/2006/lei/11340.htm>. acesso em: 17 julho 2020.

CANDIDO, Antônio. **Ficção e Confissão**: ensaios sobre Graciliano Ramos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

CAULFIELD. Sueann. **Em defesa da Honra**: Moralidade, modernidade e Nação do Rio de Janeiro 2000.

CASTRO, Dácio Antônio. **Roteiro de Leitura**: Vidas Secas de Graciliano Ramos. São Paulo: Editora Ática, 2001.

COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria. O feminismo no Brasil: uma (breve) retrospectiva. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; SARDENBERG, Cecília Maria (orgs.). **O feminismo no Brasil**: reflexões teóricas e perspectivas. Salvador: UFBA / Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2008.

COSTA, Ana Alice Alcântara. Gênero, poder e empoderamento das mulheres. Salvador: Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher / **UFBA**, 2000.

CUNHA, Barbara Madruga. **Violência contra a mulher, direito e patriarcado**: perspectivas de combate a violência de gênero. 2014. Disponível em: <http://www.direito.ufpr.ler/portal/wp.../artigo_B Barbara-Cunha_Classificado_em_7º_lugar.pdf>. > acesso: 28 de abril de 2020.

CUNHÃ, Coletivo Feminista. **Grupos de mulheres da Paraíba**: retalhos de uma história. João Pessoa: Texto arte Editora, 2001.

PRIORE, Mary. **Mulher no Brasil colonial**. São Paulo: Editora Contexto, 2000.

GASPARI, Leni Trentim. **Educação e Memória**: Imagens Femininas nas “Gêmeas do Iguaçu” nos anos 40 e 50. (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2003.

FERNANDES, Maria da Penha Maia. **Sobrevivi... posso contar**. – 2.ed. – Fortaleza: Armazém da cultura, 2012.

HOLANDA, Lourival. **Sob o Signo do Silêncio**. São Paulo: EDUSP, 1992, p. 54.

KIRKWOOD, Julieta. **Ser política no Chile**: As feministas e os partidos políticos. Santiago: Flacso, 1986.

MAGALHÃES, Belmira. **Vidas secas**: os desejos de Sinhá vitória. Curitiba: HD Livros Editora, 2001.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1992.

REIS, Zenir Campos. **Tempos Futuros**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros. São Paulo: nº 35, p. 69 – 93, 1993.

RABAY, Gloria. Freire; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa. **Participação da mulher no parlamento brasileiro e paraibano**. Democracia, Direitos Humanos e Gênero. Org & Demo, Marília, v.12, n.1, p.81-94, jan./jun., 2011. Disponível em:<[http://www.Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 30, n. 2 – Jul./Dez. 2017 – ISSN online 1981-3082 68](http://www.CadernoEspacoFeminino-Uberlandia-MG-v.30-n.2-Jul-Dez.2017-ISSNonline1981-308268) >. Acesso em: 04-04-2020.

OLIVEIRA, Pedro Paulo. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.

SILVA, De Plácido e. **Vocabulário Jurídico**, Rio de Janeiro: Ed Forense, 1998

SCHUMACHER, Maria Aparecida Schuma. **Dicionário mulheres do Brasil de 1500 até a atualidade biográfico e ilustrado**. – 2ª ed.: - Rio de Janeiro: ZAHAR, 2000.

SÜSSEKIND, Flora: **História Concisa da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SILVA, Carmen; CAMURÇA, Silvia. **Feminismo e movimento de mulheres**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2010.